

# Apresentação

## *Introduction*

**Hariadne da Penha Soares**

A investigação acerca das práticas de magia, adivinhação e dos ritos apotropaicos no Mundo Antigo é um tema que tem despertado grande interesse entre os mais diversos pesquisadores que, por várias décadas, vem dedicando especial atenção às interações culturais, bem como às práticas e concepções mágico-religiosas próprias de gregos e romanos. Desse modo, pesquisar o assunto no contexto do Mediterrâneo antigo é abordar um fenômeno complexo e dinâmico, situado num campo específico do tecido social: a esfera religiosa (GRAF, 1994). Os trabalhos clássicos e modernos explorando a temática não se restringem às investigações de natureza histórica, abrangendo estudos de Antropologia, de Arqueologia e Sociologia da Religião.

A magia, na Antiguidade Clássica, começou a ser sistematizada em finais do século XIX e princípios do XX devido, principalmente, à publicação dos textos de magia que a Arqueologia vinha trazendo à luz, após extenuantes expedições científicas, ou que estavam em mãos de colecionadores de antiguidades. Em finais do século XIX, foram iniciadas as edições clássicas dos textos de magia do Mundo Antigo, dentre eles os papiros mágicos gregos, encontrados numa necrópole nas proximidades de Tebas, documentação explorada em três artigos deste dossiê.

A discussão do conceito de *magia é de* fundamental importância para a compreensão dos saberes mágicos, ritos divinatórios e apotropaicos praticados na Antiguidade. A definição de incompatibilidade entre magia e religião, herdada das afirmações de James Frazer, recolhidas em sua obra seminal, *O ramo de ouro*, publicada em 1890, corresponde a uma primeira tentativa de sistematização do conceito de magia. Frazer defendia que a religião era mais complexa e historicamente posterior à magia. Por sua vez, as práticas mágicas eram caracterizadas como um conjunto de técnicas que objetivavam controlar a natureza e os acontecimentos, enquanto que a religião reclamava a intercessão de espíritos e divindades mediante a execução dos rituais apropriados. Durkheim e Marcel Mauss, no início do século XX, foram os primeiros a considerar a magia como um tipo específico de saber, como uma linguagem que gera conhecimento para aqueles que a dominam, interpretando-a como um sistema simbólico, resultado de uma criação coletiva e de determinadas tradições transmitidas de geração em geração (MAUSS, 1974, p. 48).

Por meio do dossiê *Magia, adivinhação e ritos apotropaicos na Antiguidade*, buscamos promover um espaço para a discussão acerca da magia como fenômeno social e como um tipo específico de conhecimento que gera poder para aqueles que a dominam. A proposta do dossiê é evidenciar o caráter social da magia e sua recorrência na Antiguidade, o que reforça a assertiva segundo a qual “toda e qualquer religião comporta em maior ou menor grau práticas de magia”, na medida em que os agentes mágicos executam ritos que intentam alterar a realidade (SILVA, 2003, p. 167).

O volume conta ainda com uma entrevista concedida pelo professor Attilio Mastrocinque, da Universidade de Verona, sobre o emprego da cultura material como fonte para o estudo dos sistemas religiosos antigos. O dossiê traz ainda artigos reunidos na sessão *Tema livre*, que também apresentam reflexões acerca das práticas culturais, religiosas e políticas da Antiguidade. Por fim, o número contém duas resenhas de livros cujas temáticas dialogam com a proposta do dossiê.

## Referências

FRAZER, J. G. *O ramo de ouro*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.

GRAF, F. *La magie dans l'Antiquité Gréco-Romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

SILVA, G. V. da. *Reis, santos e feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos místicos da basileia (337-361)*. Vitória: Edufes, 2003.